

Ser adolescente: significando o isolamento e a retomada das atividades escolares e sociais.

Autoras: Ana Luísa da Silva¹, Gisele Machado Carita²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹analuisa.silva23@gmail.com - Psicologia, ²gisele.silva@baraodemaua.br

Resumo

Buscou-se compreender o impacto do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento biopsicossocial de adolescentes e a influência deste na retomada do convívio social e escolar. Esta é uma pesquisa de campo, qualitativa, exploratória e aplicada, realizada com cinco voluntários acessados pelo método bola de neve, entrevistados remotamente a partir de um questionário semiestruturado elaborado pelas pesquisadoras. Como critério de inclusão definiu-se ter entre 15 e 18 anos, ter cursado o Ensino Médio em escola pública e ter estudado durante o isolamento. Estudo aprovado pelo Comitê de Ética do CEU Barão de Mauá. A partir da análise de conteúdo, identificou-se impactos na aprendizagem, estabelecimento e manutenção de vínculos, amadurecimento psicossocial e formação da identidade. A psicologia escolar pode facilitar a mediação da comunicação entre os adolescentes neste contexto.

Introdução

Diferentes teorias e abordagens da Psicologia consideram o ser humano como um ser biopsicossocial. Este olhar compartilhado aponta para um ser que é composto por aspectos biológicos/genéticos, psicológicos e sociais, caracterizando uma visão ampla e uma concepção abrangente do indivíduo enquanto ser que é gregário e relacional, não apenas biológico. Bronfenbrenner (1994), aponta a necessidade de se considerar todo o sistema bioecológico em que o indivíduo está inserido enquanto se desenvolve, ou seja, as interações gradativas que acontecem entre o sujeito, as pessoas e seu ambiente; com destaque para as chamadas relações proximais (caracterizadas por interações recíprocas com os elementos que constituem o ambiente imediato do sujeito), como motores desenvolvimentistas que contribuem para atribuição de sentido ao mundo e a capacidade de transformá-lo. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

A adolescência é permeada por transformações do desenvolvimento que acontecem de forma profunda e diversa, abarcando a fisiologia, com a puberdade e suas transformações hormonais, que culminam na maturidade sexual e transformações

corporais profundas, como o estirão do crescimento e aparecimento de características sexuais secundárias. As transformações corporais trazem implicações psicossociais para o adolescente em desenvolvimento, tais como, mudanças comportamentais, relacionais, no sistema de crenças e valores, além da busca por seu lugar na sociedade e no mundo. Assim, a interação com o contexto e com os outros ganha relevância e destaque enquanto força motriz do desenvolvimento. A adolescência é marcada, além dos aspectos individuais, por um conjunto de características advindas do meio cultural, social e histórico do tempo em que se desenvolve (ABERASTURY; KNOBEL, 1981). Deste modo, o contato social em diferentes contextos, especialmente o contexto escolar, se torna fundamental para um desenvolvimento psicossocial saudável.

Enfatiza-se que durante o isolamento decorrente da pandemia de COVID-19 (2020-2021), o adolescente ficou distanciado das relações sociais e do ambiente escolar, as interações se deslocaram, majoritariamente, para o ambiente virtual. Considerando que os fenômenos históricos podem afetar positiva ou negativamente o desenvolvimento humano, tanto a nível individual, quanto a nível populacional (LINHARES; ENUMO, 2020), é possível perceber que o cenário da pandemia de COVID-19 e a necessidade de isolamento social influenciaram o desenvolvimento humano, inclusive o desenvolvimento dos adolescentes.

Assim, destaca-se a importância de pesquisar e desenvolver estudos que se atentem para o adolescente, suas transformações e os impactos do isolamento social sobre o seu desenvolvimento. Este artigo objetiva compreender as vivências de adolescentes pós isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, bem como, os impactos do isolamento no desenvolvimento biopsicossocial, no processo de aprendizagem, no desenvolvimento de habilidades sociais, na relação com a escola e no projeto de vida, e sobretudo, no desenvolvimento da identidade desses jovens. Além disso, buscou-se compreender as possibilidades de atuação dos psicólogos escolares junto aos adolescentes que vivenciaram o isolamento social.

Revisão de Literatura

Faz-se importante um olhar para os conhecimentos já construídos sobre a temática analisada através de uma breve revisão da literatura, a fim de ampliar a compreensão acerca das contribuições teóricas a respeito do desenvolvimento humano, da adolescência, da importância das relações sociais e do ambiente escolar, bem como, acerca das repercussões do isolamento social para os adolescentes.

Desenvolvimento humano e a adolescência

Atualmente, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo vitalício, multidimensional, multidirecional e influenciado por fatores, tais como, genética, cultura, sociedade, padrões normativos e não normativos, que demandam gerenciamento na alocação de recursos psíquicos ao longo da vida. Cada fase exige um gerenciamento específico das mudanças vivenciadas, por exemplo, na infância faz-se necessário o gerenciamento dos ganhos em habilidades motoras, físicas, cognitivas e psicossociais. A adolescência, uma fase marcada por transformações fisiológicas, culturais, sociais e identitárias, requer do indivíduo não apenas o gerenciamento psíquico dos ganhos evolutivos, mas também, das perdas vivenciadas, entre elas a perda do corpo infantil e do lugar de criança na família e na sociedade (BALTES, 1987; PAPALIA; MARTORELL, 2022). O adolescente vivencia o estirão de crescimento e mudanças da imagem corporal. Somada a todas essas alterações, coloca-se o desenvolvimento psicossocial que acontece na adolescência, que envolve a maturação, a descoberta de novos papéis sociais, a busca por identidade e pertencimento, a compreensão de si mesmo enquanto ser independente dos pais e da família de origem, entre outros aspectos psicológicos e sociais que se alteram e se constroem nessa fase da vida. (PAPALIA; MARTORELL, 2022)

Destaca-se o desenvolvimento do raciocínio moral, quando o adolescente busca superar os valores aprendidos e se apropriar deles como valores pessoais. Kohlberg (1971), destacou três níveis de raciocínio moral, sendo que o estágio mais avançado denominado de moralidade pós-convencional, seria atingível durante a adolescência, e indicaria aqueles que teriam desenvolvido sua capacidade de reconhecer conflitos entre padrões morais vigentes e fazer seus próprios julgamentos morais baseando-se em ideais de equidade, justiça e direito. Kohlberg (1971) ressaltou a importância do comportamento pró-social para o desenvolvimento de adolescentes, uma vez que, as interações sociais têm papel importante na descoberta do adolescente enquanto ser social, que está aprendendo sobre si ao desenvolver novos papéis

dentro da sociedade e das relações interpessoais que estabelece.

Outro aspecto fortemente presente na adolescência é o desenvolvimento da identidade. Erikson (1998), defendeu que a principal tarefa desse estágio do desenvolvimento é o confronto com a crise de identidade *versus* confusão de papel, esse conflito deve ser superado de forma satisfatória para gerar um adulto singular, com uma percepção coerente de si mesmo e capaz de desenvolver um papel social valorizado. Para isso, o adolescente precisa responder três questões de grande importância, escolher sua ocupação/profissão, adotar valores próprios para basear o seu viver e desenvolver sua identidade sexual de forma satisfatória. Se estes aspectos não forem desenvolvidos, haverá prejuízos ao processo de maturação psicológica (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

Papalia e Martorell (2022), destacam que a escola tem papel organizador e central na vida da grande maioria dos adolescentes, sendo o espaço que oferece a interação com as diferenças, a descoberta de novos grupos e tipos de pessoas, o contato com arte, cultura, esportes, o acesso à informação, o desenvolvimento de habilidades cognitivas, a descoberta de inclinação profissional e a possibilidade de interações sociais e desenvolvimento de amizades. Mas, observa-se também, a possibilidade de que a escola, ao invés de se constituir em um ambiente de crescimento e expansão, caracterize-se como um obstáculo ao desenvolvimento psicossocial do adolescente devido a soma de diversos fatores socioeconômicos, culturais e associados a práticas violentas como bullying, por exemplo.

Isolamento social e desenvolvimento

Enfatiza-se a importância das variáveis culturais de cada época na vivência dos adolescentes, bem como, sua resposta as demandas sociais (FERREIRA; FARIAS, 2010). Desse modo, é possível perceber que o desenvolvimento na adolescência é constantemente permeado pelo social, pela necessidade de interação com pessoas que vão além do ciclo familiar e a influência dos ambientes em que o indivíduo está inserido. Esse convívio social, importante na construção da identidade e dos papéis sociais do adolescente, ficou reduzido a ambientes virtuais em decorrência do isolamento social necessário para a superação da pandemia de COVID-19.

Desde 2020, viu-se o cotidiano de toda a sociedade mudar, com o isolamento social, todos precisaram deixar seus contextos sociais ficando reclusos a suas casas e ao círculo familiar. Para os adolescentes, significou deixar o ambiente escolar e seus espaços de lazer, talvez seu ambiente de trabalho, e adequar-se a uma rotina nova,

dominada por tecnologia e aparelhos eletrônicos, quando estes estavam disponíveis.

Embora seja um evento recente, com poucos estudos sobre o tema, os impactos do isolamento social têm ganhado força como objeto de estudo, uma vez que, se percebe a necessidade de compreender como o distanciamento social e a reconfiguração das interações humanas nesse período afetou o desenvolvimento de uma parcela importante da população e que, atualmente, precisa lidar com essas experiências enquanto retoma as atividades presenciais.

É necessário, conforme defendem Linhares e Enumo (2020), que o conhecimento sobre os aspectos psicológicos afetados pelo contexto pandêmico seja construído, especialmente considerando a influência dos aspectos sociais na formação e desenvolvimento dos seres humanos. Durante o isolamento social, o contexto do adolescente restringiu-se ao ambiente familiar e à virtualização da vida, do lazer e das relações, o afastamento do ambiente escolar, entre tantas outras situações desafiadoras.

Somou-se a isso, o constante contato com a morte e a finitude. O luto coletivo, a ameaça representada por uma doença desconhecida, o avanço rápido da contaminação, o assunto como tema constante nas mídias sociais e jornalísticas, constituindo-se como uma possível fonte de ansiedade, medo e desamparo, além de indicar uma imprevisibilidade para o futuro e de como seria a vida para além do ambiente doméstico (LINHARES; ENUMO, 2020).

Objetivos

Objetivo geral

Compreender as vivências de adolescentes pós isolamento social decorrente da pandemia de covid-19.

Objetivos específicos

Compreender os impactos do isolamento social no desenvolvimento biopsicossocial de adolescentes; na relação entre pares de adolescente, na escolaridade, futuro e projeto de vida; além do desenvolvimento de habilidades sociais, processo de aprendizagem, do desenvolvimento da identidade; bem como, compreender as possibilidades de atuação dos psicólogos escolares com adolescentes que vivenciaram o isolamento social.

Métodos e Procedimentos

A presente pesquisa é um estudo exploratório, qualitativo e de natureza aplicada. Os participantes são voluntários acessados através do método bola de neve, descrito por Vinuto (2014). Os dados coletados foram analisados a partir da Análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). A presente pesquisa foi realizada em Sertãozinho/SP.

Participantes

Como método de seleção de participantes e formação da amostragem não probabilística da pesquisa, foi utilizado o método bola de neve, descrito por Vinuto (2014). Assim, a pesquisa utilizou contatos do pesquisador como “sementes”, possíveis participantes que contribuíram para o alcance dos demais participantes através de suas redes de relacionamento, permitindo acesso a grupos e a ampliação da amostra, por meio de indicações realizadas pelos “sementes”.

Estabeleceu-se os seguintes critérios de inclusão: adolescentes entre 15 e 18 anos, estudantes de escola pública, que cursaram anos letivos durante o isolamento social e ainda cursavam o ensino médio, por ocasião da coleta de dados.

Os cinco participantes voluntários serão apresentados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Participantes

Participantes	Caracterização sociodemográfica
P1	17 anos, gênero feminino, autodeclarada preta, 3º ano do Ensino Médio, estudante de escola pública, trabalha.
P2	17 anos, gênero masculino, autodeclarado branco, 3º ano do Ensino Médio, estudante de escola pública, não trabalha.
P3	16 anos, gênero masculino, autodeclarado negro, 1º ano do Ensino Médio, estudante de escola pública, trabalha.
P4	15 anos, gênero masculino, autodeclarado branco, 1º ano do Ensino Médio, estudante de escola pública, não trabalha.
P5	17 anos, gênero feminino, autodeclarada negra, 3º ano do Ensino Médio, estudante de escola pública, trabalha.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Aspectos éticos, coleta e análise de dados

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Barão de Mauá, através da Plataforma Brasil, parecer consubstanciado 6.248.370, após a aprovação iniciou-se o processo de acesso aos participantes. A coleta de dados se deu a partir de uma entrevista semiestruturada através de plataforma virtual, a fim de possibilitar comunicação em tempo real com os participantes durante a realização das entrevistas. A entrevista foi realizada após assinatura do TCLE por um responsável legal do participante e do TALE pelo participante,

assegurando os direitos aos participantes previstos na Resolução 466/12 (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012). As entrevistas foram gravadas mediante autorização do participante e armazenadas em nuvem, a fim de possibilitar a transcrição integral das informações levantadas.

A análise dos dados foi feita após a transcrição do material coletado a partir do método da Análise de conteúdo, da Bardin (2016). Inicialmente, foi feita a pré-análise dos dados obtidos a partir da entrevista semiestruturada, com a transcrição das entrevistas, a sistematização inicial dos dados coletados, a seleção dos temas e levantamento de hipóteses. Posteriormente, deu-se início a fase de exploração do material coletado através de uma análise qualitativa, seguida pelo tratamento dos resultados obtidos e a interpretação das informações levantadas.

Resultados e Discussões

Ao tratar os dados coletados ao longo das entrevistas com os cinco participantes voluntários a partir da Análise de conteúdo descrita por Bardin (2016), definiu-se um conjunto de categorias e subcategorias de dados. As categorias estão descritas no quadro abaixo.

Quadro 2 – Categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias
Desenvolvimento biopsicossocial.	1. Alterações fisiológicas; 2. Relações familiares; 3. O adolescente e a tecnologia; 4. Impactos psicológicos.
Relações sociais entre pares.	1. Pré-isolamento; 2. Durante o isolamento; 3. Pós-isolamento; 4. Criação de vínculos; 5. Interface com a tecnologia.
A escola e eu.	1. Processo de aprendizagem; 2. Relação com a escola; 3. Interface com a tecnologia.
Identidade.	1. Individualização; 2. Definição de crenças e valores.

Maturidade.	1. Perspectiva de futuro; 2. Independência.
-------------	--

Fonte: elaborado pelas autoras.

Desenvolvimento biopsicossocial

A partir dos relatos dos participantes foi possível perceber que aspectos do desenvolvimento biopsicossocial que acontece na adolescência foram impactados durante o isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19. Os voluntários da presente pesquisa relataram alterações relacionais e emocionais, além de uma alteração fisiológica importante.

Dois participantes entre os cinco voluntários relataram alteração significativa no ciclo circadiano, com mudanças significativas no ritmo de sono e vigília e repercussões na vida cotidiana após a retomada de convívio social e atividades presenciais. A alteração, em um dos casos, foi relatada como extrema, com relatos do participante indicando que chegou a passar mais de 24 horas sem dormir e trocar o dia pela noite durante o período de isolamento social, o que desencadeou alterações na rotina de sono e culminou em impactos nas atividades diárias após a retomada das atividades presenciais, como ir à escola e manter a concentração.

P2 – “[...] Porque antes eu era muito regrado, dormia muito cedo, na pandemia acabei dormindo muito tarde, muitas vezes virado dias [...]”.

P2 – “[...] por causa que como eu dormia muito tarde, começou a ter esse hábito, criar esse hábito, eu agora quando tô na escola, ficou mais difícil de prestar atenção, eu perco o foco, fico as vezes com sono e tirou esse foco das aulas[...]”.

P4 – “Eu não tinha sono regulado, eu dormia na hora que já tinha acabado o jogo, que não tinha mais o que fazer. Eu dormia na hora que já tava claro, acordava três horas da tarde, duas horas”.

O uso de telas tem impacto direto não apenas no horário de dormir, mas impacta também a qualidade do sono e o seu tempo de duração, interferindo diretamente no período de descanso que um adolescente necessita para seu desenvolvimento saudável (DESMURGET, 2021). Destaca-se que o sono é parte fundamental para uma vida saudável e um bom funcionamento cognitivo e sua privação pode causar alterações de humor, como irritabilidade, e impactos no desenvolvimento acadêmico e nos níveis de concentração dos adolescentes (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

Outro aspecto que passou por alterações foi o vínculo com familiares. Entre os participantes, quatro relataram aumento do convívio familiar devido ao isolamento. O recorte acessado a partir destes participantes voluntários apontou que a relação familiar apresentou desafios devido a

convivência prolongada em um mesmo espaço, mas tornou-se fortalecida pela soma dos fatores que permearam o isolamento, como o adoecimento em decorrência da infecção do vírus, a diminuição do tempo de ausência em casa devido ao trabalho/escola e a comunicação estabelecida entre os membros do núcleo familiar. Um participante relatou não ter percebido grandes mudanças no relacionamento familiar, o que ele atribuiu ao seu comportamento de isolamento por passar mais tempo no quarto, ele contrapõe que o ponto positivo percebido por ele é que não houve prejuízos ao vínculo familiar durante o período.

P1 – “[...] Então, assim, foi bom, foi um período assim que a gente teve que se unir [...]”. Ao relatar sobre enfrentarem o adoecimento de dois membros da família após infecção pela covid-19.

P1 – “[...] Com o meu irmão mudou, com meu irmão mudou porque antes a gente, que eu me lembre, a gente brigava mais, hoje é uma briguinha aqui, outra ali, só que eu vejo que hoje eu e o meu irmão a gente é bem mais amigo [...]”.

P2 – “Já era muito próxima, com a pandemia ficou mais próxima ainda. Uma família unida, estamos sempre juntos desde a pandemia [...]”.

P5 – “[...] Todo mundo irritado e qualquer coisinha virava uma confusão. Mas, mesmo diante dessa situação, a gente se aproximou bastante, foi o momento que a gente usou pra, pra se entender [...]”.

P5 – “[...] nem todas as famílias são assim, eu entendo, mas é uma relação muito importante porque é a nossa socialização primária, nossos pais, nosso espelho. Então é, foi muito importante pra mim ter essa relação”.

A família é um dos elementos constituintes do microsistema com o qual o adolescente interage ao longo do seu processo de desenvolvimento a partir de relações proximais que se complexificam e contribuem para a sua formação enquanto indivíduo e nas relações que continuarão a ser estabelecidas com outros elementos do seu ambiente. Dessa forma, o sistema familiar se define como a fonte primária de socialização para o ser humano e, quando a relação familiar é positiva e saudável, ela traz contribuições importantes para o desenvolvimento e a formação do adolescente enquanto indivíduo, contribuindo com a melhoria da saúde mental, o desenvolvimento de autonomia e capacidade de autorregulação e adaptação, auxiliando o adolescente em seu processo de autodescoberta e amadurecimento. (BRONFENBRENNER, 1994; PAPALIA; MARTORELL, 2022).

A partir das entrevistas foi possível identificar que a relação com a tecnologia já estava presente antes do início da pandemia de COVID-19, e todos os participantes apontaram o aumento do uso dos aparelhos eletrônicos, redes sociais e jogos durante o isolamento social. A tecnologia passou a ser o intermediário de todas as interações externas

para estes adolescentes, que relataram usar a tecnologia para se relacionar, se distrair, ocupar o tempo livre, estudar e como ferramenta de lazer.

P1 – “Eu já... eu não posso falar que antes da pandemia eu era menos viciada no celular porque eu já era, eu gostava e ficava no celular muito. Mas, com certeza, mudou, é, antes eu sentia que eu, sei lá, tinha mais vontade de sair, de encontrar meus amigos sem ser pelo celular. É, até coisas simples, sei lá, andar com a minha cachorra, dar uma volta. Hoje em dia, nada, eu prefiro mil vezes ficar no meu quarto, no celular do que fazer qualquer outra coisa”.

P1 – “Ah, bastante né? 24 horas por dia [...]”.

P2 – “Eu usava muito menos, não usava praticamente nada, eu vivia muito caminhando, jogando bola, tudo... eu não ficava muito no celular. Acabou que, com a pandemia, a única coisa que tinha era a TV, computador e o celular, e acabou que isso virou um meio de eu falar com pessoas que tavam, que não estavam em casa, de um jeito de me distrair, meu jeito de passar o tempo [...]”.

Os relatos dos participantes indicaram uma nova alteração no uso das tecnologias e redes sociais após a retomada das atividades presenciais. Três participantes (P1, P2 E P5) destacaram como a tecnologia se tornou muito presente no cotidiano, inclusive na escola. Dois participantes (P3 e P4) relataram diminuição do uso de redes sociais e aparelhos eletrônicos em relação ao padrão desenvolvido na pandemia devido a retomada das atividades da vida cotidiana. A participante 5 indicou que precisou tomar medidas para reduzir o uso excessivo de tecnologia após o fim do isolamento.

P5 – “[...] Ela (relação com a tecnologia) já foi muito mais tóxica, atualmente ela tá melhor porque, eu sou uma pessoa muito procrastinadora, sabe? [...]. Mas, por ser procrastinadora, a tecnologia atrapalhava muito, então ultimamente, nos últimos meses eu fui radical e aí eu excluí algumas redes sociais, desliguei o celular, porque quando você vê você passou duas horas ali vendo dancinha, vendo informação inútil, não inútil, mas que não vai agregar tanto pra sua vida”.

O participante 2 destacou que a relação com a tecnologia despertou o interesse pelo campo enquanto área profissional, gerando o interesse de formar-se na área de tecnologia da informação e desenvolver-se profissionalmente nesse campo.

O relato de todos os participantes da pesquisa indicou que a tecnologia continua muito presente no cotidiano após a retomada das atividades presenciais, permeando diversos âmbitos e cenários da vida, como lazer, informação, estudos e comunicação. Sabe-se que o uso prolongado de telas e da interação através de tecnologias tem pontos positivos e negativos, bem como influência no funcionamento do ser humano e da sociedade, contudo, a extensão dos impactos para diferentes áreas do desenvolvimento requer mais estudos.

Os relatos dos participantes voluntários também apontaram indícios de impactos psicológicos em decorrência das experiências vivenciadas durante o período de isolamento social, com relatos pessoais ou de pessoas próximas relacionadas a questões de saúde mental, quadros depressivos e ansiosos, processo de adoecimento e possibilidade de perda, dificuldade de acesso a rede de apoio e necessidade de acompanhamento psicológico.

A literatura aponta que o isolamento e a reclusão podem gerar impactos psicológicos, tais como, ansiedade, depressão e sentimentos de tristeza e culpa. A pandemia de COVID-19 e a quarentena, utilizada como estratégia de enfrentamento, foram permeadas por estressores constantes, como o risco de adoecimento, o contágio com o vírus, as incertezas frente ao diagnóstico e o alto índice de mortalidade. Tais estressores podem contribuir para o desencadeamento de sintomas ansiosos, bem como medos, desamparos e inseguranças (ALMEIDA *et al.*, 2022; LINHARES; ENUMO, 2020).

Relações sociais entre pares

Os participantes relataram alterações nos padrões de relações sociais, especialmente entre adolescentes. A virtualização do convívio durante o isolamento foi fator importante na alteração dos padrões relacionais, embora não da mesma forma para todos os participantes desta pesquisa.

Foi possível identificar percepções diferentes sobre as relações estabelecidas antes do isolamento, durante o isolamento e após o isolamento social.

Entre os cinco participantes, três relataram perceber o enfraquecimento dos vínculos sociais, com afastamento de grupos de amigos e desenvolvimento de novos núcleos relacionais após a retomada das atividades.

P1 – “[...] Eu já não era muito boa pra me relacionar com pessoas em geral, eu sempre fui mais de grupinho e se eu tinha um grupinho ali eu só ficava naquele grupinho, eu não gostava de me enturmar e hoje mais ainda. Hoje nem com o meu grupinho eu me enturmo”.

O participante 3 relatou perceber fortalecimento de seus vínculos apenas após o fim do isolamento, quando a convivência com seu ciclo de amigos passou a acontecer em atividades presenciais.

A participante 1 relatou não ter conseguido fazer amigos durante o período de isolamento social. O participante 2 relatou que o uso das redes sociais durante o isolamento o ajudou a fazer amigos uma vez que o contato virtual contribuiu para a diminuição da timidez e resultou, para ele, na percepção do fortalecimento das suas relações.

Os participantes 2 e 5 relatam dificuldades de fazer amigos e expandir seus ciclos relacionais nos primeiros meses de retomada das aulas presenciais devido a configuração das salas de

aula e do sistema de escalas (turma dividida em grupos menores com dias marcados para as aulas, carteiras distanciadas e uso de máscara no ambiente escolar).

A participante 5 destacou que durante o isolamento desenvolveu relações virtuais, mas não sente que são relações sólidas ou permanentes. Todos os participantes relataram o uso da tecnologia como veículo de comunicação e a ferramenta que possibilitou a manutenção de contato com seus amigos.

P3 – “[...] E ajudou também a não ficar longe dos meus amigos”.

É possível perceber que a criação de vínculos entre pares teve influência do isolamento social. Todos os participantes relataram mudanças no ciclo de amizades, não apenas pela mudança de escola ou de localização geográfica, mas também por um processo de amadurecimento e autodescoberta que foi permeado pelo isolamento social e a retirada do convívio.

P1 – “[...] Por mais que são amigos diferentes do que eu tinha. Acho que também porque a gente muda, principalmente nesse período a gente mudou bastante, né? Mas, foi boa. Eu tenho um novo ciclo de amizade ali”.

P5 – “Com os meus amigos eu sinto que eu me afastei bastante, sei lá, 50% dos meus amigos da época da pandemia que eu considerava os melhores amigos e, atualmente, também sinto essa relação de troca mesmo, a gente se entende muito bem e, não necessariamente a gente precisa conversar todos os dias, se ver todos os dias pra continuar essa relação de companheirismo. Então, eu sinto que a pandemia ajudou muito nisso, de não precisar se ver todos os dias pra continuar sendo amigos, isso não muda nada, a gente pode ficar um mês sem se ver, dois meses, mas a conexão é a mesma”.

A tecnologia, que foi elemento central do estabelecimento e manutenção de vínculos durante a reclusão, continuou a permear as relações após o fim do isolamento. No relato dos participantes há elementos que indicam que há uso de tecnologia para relacionar-se com os amigos. Há, inclusive, o contraponto de uso para comunicação e a tentativa de diminuição do uso quando estão juntos presencialmente.

P1 – “[...] eu passo mais tempo conversando pelo celular do que pessoalmente. Mas, quando eu saio com eles, com certeza eu aproveito mais sem o celular, com eles pessoalmente do que conversando, ali, pelo celular”.

A interação social com pares é parte imprescindível para o desenvolvimento humano durante a adolescência, interagir com seus pares proporciona espaços de afeto, acolhimento e autodescoberta para além do ambiente familiar e contribui como um “ensaio” para as relações mais profundas e íntimas que se desenvolvem na vida adulta. Tornar-se mais íntimo de um ciclo de

amigos contribui para que o adolescente se expresse e se construa enquanto sujeito, indicando seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Também se destaca que, ao propiciar interação com sua rede de contato, a tecnologia pode contribuir para a manutenção do contato entre pares. Em contrapartida, o uso de tecnologias precisa ser acompanhado para que não haja risco de uso problemático de telas com desdobramentos prejudiciais para o desenvolvimento (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

A escola e eu

Ao analisar o material coletado, foi possível perceber que houve impactos e mudanças na dinâmica do adolescente com a escola durante o período de isolamento, que podem ser percebidos em diferentes níveis a partir do relato das vivências destes adolescentes.

No âmbito do processo de aprendizagem, os participantes relataram que o modelo de aulas online estabelecido em decorrência do isolamento social afetou o processo de aprendizagem, impactando na construção do conhecimento. No relato dos participantes aparecem como elementos a diminuição do interesse em realizar as atividades online e as dificuldades de acompanhar as aulas remotas. Entre os relatos, está o do participante 4 que traz sensação de não ter aprendido durante o período de isolamento.

P3 - “Ah, caiu bastante, né? Porque, na pandemia, esse negócio de estudo online, assim, não tinha muito animo pra fazer as lições e tal, e quase não fazia. Aí deu uma... impactou bastante”.

P4 - “Oh, o isolamento foi muito ruim em questão de aprendizado porque eu não consegui aprender muito nas aulas online, eu não consegui me desenvolver em algumas matérias”.

P5 - “[...] mudou essa relação da gente não conseguir ter foco, da gente não levar muito a sério as coisas porque na aula online ninguém fazia nada. A gente só acordava cedo e deixava rolando lá, então, tipo, tava só lá. Então a falta de esforço, a falta de atenção, a falta de comunicação distanciou”.

Os desdobramentos do período de isolamento continuaram a ser percebidos após a retomada das atividades escolares, com os participantes relatando dificuldades de concentração e aprendizado, além do impacto do novo modelo de ensino, denominado Novo Ensino Médio, no período de retorno as aulas presenciais. Em contrapartida, também aparece como elemento para alguns participantes o aumento dos estudos após a volta à escola. Todos os participantes da pesquisa indicaram que sentem que o modelo online de ensino impactou seu processo de aprendizagem, voltando para o ambiente escolar com dificuldades acadêmicas e sensação de não aprendizado pleno durante o período de atividades remotas.

P1 - “Antes da pandemia eu era bem mais estudiosa, me preocupava bem mais com as minhas notas, como eu estava me saindo, se eu estava aprendendo de verdade ou se eu estava decorando. [...] Hoje em dia eu me preocupo mais em decorar e passar de ano do que realmente aprender. E isso mudou, foi o que eu mais senti”.

P2 - “Muito, eu acabei tendo uma declinação nas notas. Eu era aluno nota 9, nota 8, nota 10. Acabei que depois disso perdi muito foco e minhas notas foram caindo cada vez mais”.

P3 - “Ah, mudou um pouco, não muita coisa, mas comecei a estudar um pouquinho mais”.

P4 - “Ah, antes da pandemia eu tava, o estudo ele, tipo, eu fui passando de ano e o estudo ele veio acompanhando. Aí, quando aconteceu a pandemia né? Que teve que fazer aula online, daí decaiu, não consegui aprender tudo o que tinha naquele ano, daí agora ficou mais difícil o ano passado e esse ano pra mim, né? Aprender as matérias e pegar tudo certinho”.

Três participantes (P1, P2 e P5) relataram suas dificuldades com a adaptação a nova modalidade de ensino com o retorno às aulas presenciais e apontaram perceber impactos deste modelo em seu processo de aprendizagem e na relação com a escola.

P1 - “[...] No primeiro ano do ensino médio já tava com essas mudanças de novo ensino médio. E, assim, até a gente se adaptar... A gente não se adaptou ainda, né? [...]”.

P2 - “[...] Aí, quando voltou da escola, que nem agora o novo ensino médio, aí acabou que tirou história, geografia. Então, pra mim ficou difícil, a maneira de ver a escola mudou e, é isso”.

P5 - “[...] não sei se você sabe o novo ensino médio, sobre as mudanças que tá tendo, afetou muito a nossa forma de ensino, eu sinto que a maioria dos alunos cagando total, zero atenção, sabe? A gente não consegue assistir um vídeo ali de quinze minutos [...]”.

A participante 5 ainda pontuou que a dificuldade de concentração pode ter relação com o uso de redes sociais, como o *TikTok*, plataforma de vídeos curtos. O participante 2 pontuou que ao ter que optar por uma grande área do conhecimento, perdeu acesso a aulas que considera serem necessárias para ele e para suas perspectivas de futuro.

P5 - “Difícil, no começo eu escolhi matemática e tecnologias, muito puxado para tecnologias. No segundo ano, no ano passado era mais dividido, tinha as outras matérias e tinha tudo pra o nosso aprendizado. Só que esse ano, mudou, aí a gente tem doze aulas por semana de matemática, fica só matemática. Português, onde que eu tenho um pouco de dificuldade, tenho duas, fica muito mais difícil pra mim. [...] só que ficar sem essas outras matérias que eu citei antes, é difícil pra mim, principalmente pra prestar ENEM, pra chegar em uma faculdade”.

Três dos participantes (P1, P2 e P5) relataram sobre o uso de tecnologias no ambiente escolar. Essa interface entre escola e tecnologia teria se

intensificado após o isolamento, com a tecnologia sendo integrada aos métodos de estudo e ensino.

P1 – “[...] principalmente que, hoje em dia, na escola está tudo tecnológico, né? A gente... nossos livros hoje em dia são tudo digital, a gente não tem mais livro de papel. Acho que a última vez que a gente pegou livro, assim, de papel foi esse ano ainda mas foi no primeiro, segundo bimestre. Hoje já não tem mais, hoje a gente tem um link com os nossos dados, a gente entra e está tudo lá a matéria. Então, até na escola, que era algo proibido, hoje em dia é algo que a gente usa, as vezes na escola a gente tem que pegar o celular e ver [...]

P2 – “Tudo, tudo, porque agora a escola é praticamente uma tecnologia, usa tecnologia pra tudo, tanto pra dar a aula, tanto pra fazer a aula, pra fazer provas [...]”.

O participante 4 relatou que, no retorno as aulas, teve dificuldade de voltar a escrever letra cursiva, pois não estava acostumado a utilizá-la durante as aulas online.

A participante 5 traz em seu relato a necessidade de mudanças no modelo escolar, para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, o envolvimento dos alunos no processo do aprender e pontua a necessidade de que o ambiente escolar esteja mais bem preparado para receber e acolher as demandas de saúde mental dos alunos, que tem aumentado após o isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19.

A escola é um espaço de convivência que tem papel central na vida do adolescente e a relação estabelecida com este espaço depende de diversos fatores que vão desde a influência da família e dos pais, a influência dos pares e a forma como a escola se constitui. Quando o ambiente escolar inclui o aluno em seu dia a dia, na formação de regras, no método de ensino que se alinhe as habilidades e interesses do aluno de forma que ele consiga se perceber no processo de ensino e aprendizagem, há uma tendência de que a relação entre aluno e escola seja mais positiva (PAPALIA; MARTORELL, 2022).

Identidade

A partir da análise dos relatos dos participantes foi possível identificar elementos que apontam para o processo de individualização que se dá durante a adolescência. Os participantes trazem em seus relatos aspectos de autodescoberta, formação de identidade e definição de crenças e valores.

Entre os relatos, a participante 5 fala dos impactos que os desafios da pandemia tiveram na formação da sua autoimagem. Em sua fala, ela pontua que o uso constante de máscaras interferiu na sua visão sobre si mesma e gerou questões de autoestima por um período devido a um não reconhecimento do próprio rosto.

P5 – “[...] Eu falei “gente, eu sou assim?”, eu usei máscara por tanto tempo que eu estranhei o meu rosto. Então, pra mim foi muito difícil

depois ficar, eu ficava assim “nossa, eu sou feia, né? [...]”.

A participante 5 também relata sobre conflitos e descobertas em relação a sua sexualidade e a importância do isolamento em seu processo de autodescoberta. Ela relatou ter sido importante ter tempo para ficar consigo mesma e se descobrir enquanto indivíduo.

A participante 1 traz em seu relato contrapontos sobre características da sua geração e características que são dela, num processo de diferenciação do eu e o outro.

Também foi possível identificar a formação de crenças e valores e a interiorização destes elementos. Os participantes relataram sua forma de pensar, de ver o mundo, suas ideias, crenças e valores para além da mera repetição das ideias pré-estabelecidas para a faixa etária da adolescência. Cada participante tem um repertório e nível diferente de formação identitária, definições de papéis e definição de valores pessoais, mas estes elementos se revelam nas falas sobre suas vivências. Tais aspectos se apresentam em diferentes momentos do discurso dos participantes, como por exemplo quando relatam a importância que a universidade tem para cada um deles, os projetos criados, o desejo de constituir família (que aparece no relato de quatro dos cinco participantes da pesquisa) e a internalização de valores, conforme suas características e a capacidade de cada um em expressar suas opiniões. Os papéis que eles desempenham também estão presentes no seu relato, indicando como eles estão transitando em diferentes responsabilidades, se descobrindo e se constituindo enquanto indivíduo neste processo e desenvolvendo maturidade.

Erikson (1998) pontua como o processo de formação da identidade é resultado da integração gradual de diferentes fatores como as normas sociais vigentes, as habilidades, os desejos e seus valores pessoais. O desempenho de papéis ao longo desse processo, em uma dualidade de identidade versus confusão de identidade, leva ao desenvolvimento do senso de quem se é e do que se representa.

Maturidade

Também foi identificável ao longo do discurso a perspectiva de futuro de cada participante, bem como as mudanças de perspectiva que tiveram influência do processo de amadurecimento de cada um e, em alguns casos, do isolamento social. Todos os participantes trazem projetos de futuro e apresentam diferentes níveis de maturidade conforme o desenvolvimento de cada um.

A participante 1 indica que houve mudanças no seu projeto de vida, como a ideia de formar família que não estava presente anteriormente. Em seu discurso também aparecem elementos sobre seu processo de amadurecimento e início de

responsabilização individual, que recebeu influência do processo de adoecimento dos pais. O participante 2 pontua que, antes da pandemia de COVID-19, se preparava como atleta para uma carreira no futebol, com o fim dos treinos no período do isolamento social, que durou mais do que o esperado por ele, relatou que passou a pensar em outras possibilidades e, na retomada das atividades presenciais, modificou seu projeto de vida para uma carreira na área de tecnologia, buscando a entrada na universidade e cursos preparatórios na área de interesse. P2 também traz em seu discurso as experiências adquiridas no processo de fazer escolhas, o início do processo de inserção no mercado de trabalho e a importância do estudo como elemento de transformação.

P2 – “[...] Com o tempo eu fui vendo segundas opções, mas sempre colocando essa como primeira. Só que aí, há um ano atrás, mais ou menos, já vi que essa minha primeira opção não ia ter mais, aí eu fui pra segunda, que é agora estudando, trabalhei nesse começo do ano até agosto, já fui mudando minha cabeça e meu estilo de vida, me adaptando para outras coisas, uma vida diferente da que eu tinha antes da pandemia”.

O participante 3 traz a entrada no primeiro emprego como um marco de responsabilidade para si mesmo, embora mantenha no discurso a compreensão da adolescência como a fase de diversão e leveza, com o nível de responsabilidade crescendo até atingir a idade adulta.

O participante 4 traz a percepção do seu crescimento durante a pandemia e como isso trouxe mudanças na sua forma de pensar. Ele destaca a convivência com outros como elemento que traz maturidade e crescimento ao possibilitar novos aprendizados.

A participante 5 traz em seu discurso o plano de ingresso na universidade e construção de uma carreira somada a uma visão crítica da estrutura social que coloca uma ordem ou plano ideal de vida, ela pontua que deseja mais do que se formar e ter um emprego, trazendo ambições que vão além de uma carreira e de ideais impostos socialmente.

Também é possível perceber no relato dos participantes movimentos de independência, não apenas na tentativa de uma independência financeira, mas de valores, ideais, vivências e planos. Um movimento de individualização na forma de pensar, de se apropriar da realidade e de emancipação nas ideias que podem culminar na independência no início da vida adulta.

No discurso dos participantes destacam-se os movimentos de responsabilização, de tomar decisões e ser responsável pelas consequências das escolhas e uma busca de construção de si mesmo e do próprio futuro, expressas pelas ações práticas para atingir objetivos desejados.

Kohlberg (1971) pontua que o estágio de moralidade mais desenvolvido é atingido na adolescência a partir do momento em que o indivíduo internalizou seus valores e crenças de tal forma que é capaz de avaliar criticamente a realidade, perceber as discrepâncias nos padrões morais vigentes e fazer julgamentos próprios e independentes a partir dos seus valores. Além disso, o desenvolvimento moral está relacionado ao desenvolvimento cognitivo, a formação de identidade e a convivência com seus pares e com as diferenças.

Conclusões

Diante da análise dos dados coletados, primeiro faz-se importante destacar que esta é uma pesquisa qualitativa, com número restrito de participantes, resultando em um estudo baseado no recorte social acessado através dos voluntários desta pesquisa. Todavia, a presente pesquisa contribui para a expansão do conhecimento dos impactos do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 no desenvolvimento dos adolescentes.

Os dados obtidos permitem a identificação de impactos em diversas áreas da vida e em diferentes aspectos do desenvolvimento, interferindo na forma do adolescente se relacionar consigo mesmo, com a sociedade e com os outros. Nos aspectos biopsicossociais, há mudanças fisiológicas, relacionais e vivenciais que requerem atenção da Psicologia não apenas enquanto campo de estudo, mas também enquanto atuação escolar, percebendo as necessidades dos alunos e utilizando ferramentas que permitam identificar as alterações e auxiliar o adolescente no processo de se descobrir enquanto indivíduo neste novo contexto escolar e social após a pandemia de COVID-19.

Há aumento significativo do uso de tecnologias e a necessidade de ampliação do conhecimento acerca dos impactos que este novo modelo de uso trará aos adolescentes em níveis cognitivos, sociais e comportamentais. As relações sociais, importantes para a formação do adolescente enquanto indivíduo que se reconhece enquanto sujeito e atua na sociedade em que está inserido, vivenciaram alterações com o isolamento e continuam a experimentar os desdobramentos do afastamento do convívio durante a retomada das atividades presenciais, o que requer atenção e manejo de profissionais psicólogos, tanto em contexto clínico quanto em contexto de atuação escolar, a fim de fortalecer os vínculos desta rede de apoio que é tão importante para o crescimento e desenvolvimento do adolescente.

A relação com a escola mudou, ser retirado deste ambiente durante o isolamento parece ter contribuído para alterar a percepção do ambiente escolar destes participantes. Os adolescentes

passaram a perceber dificuldades acadêmicas em decorrência do modelo online de ensino, além da percepção de dificuldades de aprendizagem junto ao modelo de ensino-aprendizagem vigente. Também se percebe o aumento de questões de saúde mental e a necessidade, por parte dos alunos, de conseguir identificar na escola um ambiente seguro para expressão das suas demandas, que seja capaz de acolher e orientar o aluno em seus desafios. Neste ponto destaca-se a potência da Psicologia não apenas no fazer clínico, mas na atuação escolar, como intermediário da relação aluno-escola, auxiliando na psicoeducação dos atores escolares (alunos, discentes, diretores, funcionários) a fim de promover saúde mental para o pleno desenvolvimento das potencialidades biopsicossociais dos indivíduos.

Referências

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ALMEIDA, I.L.L. *et al.* Isolamento social e seu impacto no desenvolvimento de crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v.40, s.n., p. 1-9, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rpp/a/ZjJsQRsTFNYrs7fJKZSggsv/?lang=pt> Acesso em 10 mar. 2023
- BALTES, P. B. Theoretical propositions of lifespan development psychology: on the dynamics between growth and decline. **Developmental Psychology**, [s.l.], v. 23, n. 5, p. 611-626, 1987. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0012-1649.23.5.611> . Acesso em: 24 fev. 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edição 70, 2016.
- BRONFENBRENNER, U. Ecological models of human development. *In*: HUSTEN, T; POSTELETHWAITE, T. N. (eds.). **International encyclopedia of education**. 2. ed., v. 3. New York: Elsevier Science, 1994, p. 1643-1647.
- BRONFENBRENNER, U; MORRIS, P. The Bioecological Model of Human Development. *In*: DAMON, W.; LERNER, R. M. (eds.). **Handbook of child psychology: theoretical models of human developmental**. New York: John Wiley, 2006. cap. 14, p. 793-828.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, v. 12, Seção 1, p. 59-62. jun. 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.
- DESMURGET, M. **A fábrica de cretinos digitais**: o perigo das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio, 2021.
- ERIKSON, E. H. **O ciclo de vida completo**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FERREIRA, T. H. S.; FARIAS, M. A.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos Séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004> Acesso em: 04 mai. 2023.
- KOHLBERG, L.; GILLIGAN, C. The adolescent as a philosopher: the Discovery of the self in a postconventional world. **Daedalus**, [s.l.], v. 100, n. 4, p. 1051-1086, 1971. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20024046>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, [s.n.], p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- PAPALIA, D. E; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2022.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. **Temáticas**, [s.l.], v.22, n. 44, p. 203-220, 30 dez. 2014. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 28 mar. 2023.